

# OTIMISMO TRÁGICO DE FRANKL: ANÁLISE DO RELATO DE UM PACIENTE ONCOLÓGICO

## FRANKL'S TRAGIC OPTIMISM: ANALYSIS OF THE REPORT OF A CANCER PATIENT

Mariana Couto Assis<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a tríade trágica, trazida por Frankl na Logoterapia, no relato verídico dos últimos dias de paciente oncológico terminal, na obra “Claro como o dia”, de Eugene O’Kelly, principal autor e protagonista. Foi realizada uma revisão não sistemática da literatura produzida na abordagem sobre o tema. Na análise, enfatiza-se a atitude positiva frente aos componentes da tríade – dor, culpa e morte –, como resposta adequada às provocações da vida, podendo-se transformá-los em mudanças pessoais construtivas. Trata-se,

então, da tríade, como otimista, por ser oportunidade para atualização de potencialidades e crescimento.

**Palavras chaves:** Tríade trágica. Eugene O’Kelly. Atitude. Crescimento

**Abstract:** The article analyzes the tragic triad, brought by Frankl on Logotherapy, on the true story of cancer patient’s last days, in the book “Chasing the daylight”, by Eugene O’Kelly, main author and protagonist. It was performed a non-systematic re-

---

<sup>1</sup> Especialista em Avaliação Psicológica e Psicologia Hospitalar



view of literature produced in the approach about the subject. The analysis emphasizes the positive attitude towards the components of the triad – pain, guilt and death – as an adequate response to the life's teasers, and we can turn them into constructive personal changes. It is, then, the triad optimistic, for being opportunity to update and potential growth.

**Keywords:** Tragic triad. Eugene O'Kelly. Attitude. Growth.

## INTRODUÇÃO

É inerente ao homem a busca pelo sentido em sua vida, sentido este que pode ser encontrado, segundo Frankl (2008): na criação de um trabalho ou realizando alguma ação (valor criativo); experimentando algo, como o amor, ou encontrando alguém

(valor vivencial); ou pela transformação de tragédia pessoal em triunfo (valor atitudinal). Neste último, destaca-se a tríade trágica da logoterapia – dor, culpa e morte –, que carrega em sua composição aspectos negativos da vida, podendo tornar-se conquista humana através da atitude adotada pelo indivíduo sofredor, o homo patiens, aquele que sofre.

A consciência, como capacidade intuitiva para descobrir o sentido único e irreproduzível que se esconde em cada situação, é o órgão de sentido do homem (FRANKL, 1978). O auxilia a responder às exigências do momento, a realizar valores – acima citados –, indicando a direção adequada. Mesmo com toda dor e desafio proporcionados pela tríade trágica, há o sentido, inclusive o potencial, havendo a possibilidade do homem criativamente transformá-la em algo



positivo e construtivo – Frankl (p.138, 2008) afirma que o “sentido da vida é incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável”.

A logoterapia se mostra, dessa forma, muito mais como uma abordagem otimista da vida, ao ensinar que “não há nenhum aspecto negativo da existência que não possa transmutado em conquistas positivas, em tudo, a depender da atitude que se assume” (FRANKL, p. 94, 2011). Mesmo que o homem não possa trabalhar e realizar-se através dos valores criativos, ou esteja limitado em sua relação com o mundo, há sempre a possibilidade de vivenciar uma dada experiência de forma positiva, a depender da atitude adotada frente a ela. O sofrimento inevitável pode se transformar em realização pessoal, a culpa, numa oportunidade de mudança, e a morte pode tor-

nar-se uma motivação para um fazer responsável.

O presente artigo, se propõe analisar a tríade trágica da logoterapia no relato verídico dos últimos dias de Eugene O’Kelly, um empresário norte-americano bem sucedido nos negócios, satisfeito com a vida e a família, que, de um dia para o outro, descobre-se possuidor de doença grave, restando-lhe pouco tempo de vida. Apesar de ser um dos pilares da abordagem, dito tema não é estudado com ênfase. Trata-se, este, de uma revisão não sistematizada da literatura produzida no campo da logoterapia, a qual possibilitou a análise da obra em questão, qual seja “Claro como o dia”, de Eugene O’Kelly.

Protagonista e autor principal, Eugene O’Kelly, lida com a própria morte, iminente, mostrando-se esta como motivo



insuficiente para que parasse, estagnando-se frente à notícia do encurtamento de seu tempo. Ao contrário. Movimentou-se, traçou metas, e fez de seu último caminhar a melhor experiência que poderia traçar.

Chasing the daylight, “Perseguindo a luz do dia”, é o título do livro em Inglês – metáfora de golfe, prática esportiva predileta do autor, utilizada pelo mesmo.

Com este trabalho não se objetiva mais um artigo sobre luto ou perda, ou estratégias de enfrentamento dos mesmos. Antes de tudo, visa tratar sobre a luta pela vida, pela aceitação de sua finitude e demais componentes da tríade trágica, podendo ser observado que o trágico desta, no sentido de “acontecimento funesto”, como a própria palavra tragédia é definida pelo dicionário escolar da língua portuguesa

(1970), só o é se não respondido, na realização de valores, suas provocações.

“Existem situações em que se está impedido de trabalhar e gozar a vida; o que, porém, jamais pode ser excluído é a inevitabilidade do sofrimento. Ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até seu derradeiro instante [...] o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.” (FRANKL, p. XX, 2008).

### CLARO COMO O DIA

Empresário norte-americano bem sucedido, O’Kelly possuía uma agenda programada com 18 meses de antecedência, e, em decorrência disso, sua mente



estavam sempre voltadas para o futuro. Embora com pouco tempo para sua esposa, Corinne, e suas duas filhas – Marianne, casada e com dois filhos, e Gina, com 13 anos – que tanto estimava, e mesmo com o trabalho consumindo grande parte de sua energia, lhe era agradável a agitação que a vida de diretor da KPMG LLP, uma das Quatro Grandes sociedades norte-americanas de auditoria, exigia, por seu dinamismo, desafio e realização.

A KPMG LLP é um grupo de companhias que oferecem serviços de auditoria, impostos e consultoria a empresas associadas, tais como Citigroup, General Electric, Pfizer e Motorola. “Sociedade de quatro bilhões de dólares, vinte mil empregados e mais de cem anos de existência” (p.27). Como presidente, ele pretendia expandir o negócio, aumentar a qualidade do trabalho

para os empregados, e fazer com que estes sentissem seus empregos e vidas pessoais como extensões do mesmo organismo. Participava de reuniões de conselhos, possuía média anual de viagens de 150 mil milhas, trabalhava inclusive nos finais de semana, perdeu todas as apresentações escolares de sua filha caçula, e, ao longo da última década na empresa, almoçou apenas duas vezes com sua mulher durante a semana.

Em seu tempo livre, praticava golfe com sua esposa. Era uma válvula de escape para todo seu envolvimento com a empresa. “Este esporte sempre foi uma grande e constante paixão na minha vida. [...] Eu admirava o que o jogo exigia: honra, compromisso, precisão, disciplina e resistência.” (p.32). Jogavam principalmente no final da tarde, como se perseguissem a luz do



dia – Chasing the Daylight.

“O campo costumava estar mais vazio. O sol mais baixo no céu faz as sombras crescerem e as árvores que margeiam cada buraco parecem mais imponentes e belas. É uma hora mágica para jogar. [...] Nossos sentidos se apuravam, como se não estivéssemos apenas jogando golfe, mas perseguindo a luz do dia, agarrando o máximo de tempo possível.” (p.32).

Em uma de suas partidas com Corinne começou a notar que sua saúde talvez não estivesse tão bem quanto pensava.

“No início de maio de 2005, Corinne e eu jogávamos uma partida. Comecei bem, mas no oitavo buraco, preparei a jogada, bati na bola – e ela saiu direto para a direita. Não der-

rapou; como quase todo golfista, já tive a minha cota de jogadas enviadas ou desviadas. Não foi o que aconteceu ali. A bola foi em linha reta, mas totalmente à direita de onde se localizava o buraco, como se eu já houvesse me posicionado mal antes de bater, como se meu alvo fosse outro.” (p.33).

De compromisso em compromisso, não notou nada de peculiar em sua saúde. Entretanto, Corinne, no casamento de uma sobrinha, alertou-o para parte de sua face paralisada. “Tem uma flacidez aqui – disse ela –, tocando a minha bochecha direita” (p.34). Inicialmente pensaram ser provocada pelo trabalho estressante e a situação de mudança de moradia, que estava desgastando sua força física. Depois de certa



insistência, mesmo acreditando não ser nada demais, Corinne fez O’Kelly concordar em consultar um médico. Foram, então, para o primeiro neurologista.

Era um período frenético na vida de O’Kelly. Ele, Corinne e Gina, almejavam o término do semestre escolar para passar duas semanas no Havaí, porém, de uma vista que lhe dava acesso ao funcionamento interno das maiores e mais bem sucedidas empresas, das indústrias e até de quem as gerenciavam, como “uma enorme águia no pico de uma montanha” (p.17), da noite para o dia O’Kelly se viu “numa cadeira dura de metal, encarando, do outro lado da mesa, um médico cuja expressão revelava empatia demais” (p.18).

Na terça-feira, 24 de maio, no Centro Médico Cornell, após exame médico de rotina, a médica pediu para que voltasse

no primeiro horário da manhã seguinte para ressonância magnética, urgência esta não bem vista pelos dois. O quadro provavelmente não era tão simples como pensavam. Havia algo mais. “Quando um médico nos diz, às oito e meia da tarde de uma terça-feira, que está marcando uma ressonância magnética para às oito horas da manhã seguinte, comecemos a pensar que pode ser algo pior. Bem pior.” (p.37).

Horas após o primeiro exame, a neurologista pede outro, desta vez com uso de contraste para melhor visualização. No dia seguinte Corinne o acompanhou. Na mesma noite, a médica pede que compareçam no dia seguinte para informar o resultado.

“Ela nos mostrou, contra a luz, as radiografias da ressonância do meu cérebro. Antes que eu ouvisse uma palavra ou sequer o nome do que eu estava vendo,



a primeira coisa que me veio à cabeça foi: Guerra nas estrelas”. (p.38). No lado esquerdo viam-se pontos de tamanhos variados, ligados por linhas - tumores multicêntricos, três deles do tamanho de bolas de golfe, estes distribuídos no córtex frontal, motor e visual. O diagnóstico não era exato, marcando, a neurologista, uma consulta para O’Kelly com um dos melhores neurocirurgiões do país.

“‘Tudo o que planejamos para a nossa vida não vai acontecer’ – disse Corinne, profundamente abalada. [...] Não foram poucas as vezes, ao longo do nosso casamento, em que conversamos sobre a necessidade que cada um de nós – ou qualquer pessoa, na verdade – tem de desenvolver a força interior necessária para enfrentar a própria

morte. [...] ‘Acho que é melhor você começar a pensar nisso’ – disse Corinne mais tarde, num momento mais tranquilo – ‘Está chegando. Você não vai ter toda uma fase da vida para se preparar’. Ela apenas traduziu em palavras o meu pensamento.” (p.40).

No dia seguinte, foram a dois neurocirurgiões, recomendando, o primeiro, uma cirurgia citorrredutora, para reduzir o tamanho do tumor maior e diminuir a pressão no cérebro, e, o segundo, uma biópsia.

Na quarta-feira, 1º de junho, a biópsia foi realizada. O primeiro tecido removido estava necrosado, isto é, morto, revelando-se, os tumores, inoperáveis. O médico, então, recomendou a radioterapia para aumentar sua estimativa de vida, uma vez que





não havia cura. A quimioterapia poderia, igualmente, dar-lhe mais tempo.

Voltaram ao primeiro cirurgião, o que sugeriu a citoredutora, para atualizar-lhe seu estado. “Após analisar meus exames mais recentes, ele concluiu: ‘Está adiantado demais’” (p.44).

Glioblastoma multiforme, também conhecido como astrocitoma grau IV, de causas desconhecidas e sem fatores de risco, o mais comum e agressivo dos tumores cerebrais primários – basta estar vivo para tê-lo. Pode ficar enorme antes que qualquer sintoma apareça, os quais podem ser dores de cabeça, convulsões, problemas de visão, transtornos motores, de cognição, memória e alterações da personalidade.

Quanto ao tempo que lhe restava, após O’Kelly e Corinne consultarem um neuro-oncologista famoso, que dedicava-se

quase que exclusivamente em dar aulas, eles próprios calcularam, a partir dos que já poderiam ser indicativos de sintomas da doença (os quais, no momento em que se lhes ocorreu, não deram atenção), que ele teria entre três a seis meses de sobrevivência.

Um momento de grande mudança, e, por ser um homem metódico, organizado, direto e meticuloso, afirmando-se como contador, empresário ambicioso e presidente de empresa, e habilidoso com situações de risco que exigiam rápidas adaptações, O’Kelly formulou duas perguntas fundamentais. “Será que o fim da vida precisa ser a pior parte?” e “Posso fazer dele uma experiência construtiva?” (p.13). Não e sim, respectivamente, foram suas respostas.

Encarou-a como uma dádiva, afirmando que possuía experiência e perspectiva que



lhe permitiam “transformar essa oportunidade numa dádiva genuína, que jamais poderá ser tirada de mim ou da minha família e dos meus amigos, e que viria a ser o maior desafio da minha vida” (p.20).

Formulou, então, metas, para guiar-se por elas e realizar tal sentido, extrair de sua vivência algo positivo. Largar o emprego, primeira meta, coisa que realizou duas semanas após o primeiro exame, durando entre dois a três dias para supervisionar a transição administrativa, sair da liderança da empresa, tornar-se ex-membro, voltando a ser sócio sênior. Seus contatos, devido seu estado de saúde, foram telefônicos, de casa.

Quanto à escolha do tratamento, segunda meta, para que seu tempo fosse melhor para si e para os mais próximos, terceira meta, considerou a qui-

mioterapia. Submeteu-se a esta, juntamente com a radioterapia, porém apenas por três dias - tempo necessário para que as drogas interferissem em suas funções orgânicas.

“Assim que comecei a fazer quimioterapia (como acontece com qualquer um), perdi o controle. Eu me entregara às drogas. Elas agora administravam a minha vida. Definiam a minha rotina diária. [...] Particularmente incômodo era o fato de todos aqueles remédios, sobretudo os esteróides, me roubarem o controle sobre o meu humor” (p.58).

Seguiu com a radioterapia. A radiação poderia reduzir os tumores e aliviar os sintomas. Cinco vezes por semana, durante seis semanas, submetia-se a ela, indo às sessões, realizadas no



final da tarde – horário em que adorava jogar golfe – com sua roupa de golfe, como se fosse jogar uma partida. Colocavam-lhe a máscara, prendiam-no à mesa, e pediam que não se mexesse, nem engolisse, do contrário o processo demoraria mais que vinte minutos – tempo previsto caso não ocorressem falhas na aplicação. Porém, ocorriam imprevistos.

“Fiquei sujeito aos caprichos da maquinaria e ao sistema médico, à competência humana e à variável sorte” (p.63). Se tornou mais tolerante. Aprendeu a aceitar. Sabia que não podia mudar muita coisa, principalmente quando algo acontecia no processo, impedindo que tudo ocorresse conforme o planejado, e aceitava.

“Não se pode controlar tudo, dizia a mim mesmo, por mais difícil que fosse me ouvir [...]. Eu não iria permitir que percalços e má sor-

te, e sobretudo uma postura derrotista, me desviassem dos meus objetivos, um dos quais era fazer de cada dia o melhor dia da minha vida. O presidente de empresa, o gerenciador, precisava finalmente soltar as rédeas. Fechei meus olhos e soltei-as.” (p.66).

Não apenas os imprevistos do processo da radioterapia que ele não possuía controle, mas também os sintomas de sua doença, os quais começaram com sua visão afetada – como no relato anteriormente referido, no qual O’Kelly, numa partida de golfe, tacou a bola na direção errada. Sofria igualmente com convulsões no córtex motor, frontal e visual, onde os tumores pressionavam, e inquietação, causada por esteroide. Muitas vezes ficava confuso e tinha dificuldade



em falar. Teve que reaprender a se vestir – tarefas simples, como esta, tinham que ser realizadas de forma metódica e ordenada. Possuía dificuldades em atividades sequenciais. “Precisei ser meu velho ‘eu’ sistemático, mas agora meramente para realizar tarefas básicas” (p.55).

Metas cumpridas, O’Kelly elaborou uma lista de tarefas para seus últimos dias: ordenar vida jurídica e financeira, “desanuviar” relacionamentos, simplificar, viver cada momento, criar e estar aberto para o que ele chamava de “Momentos Perfeitos”, iniciar transição para o estágio seguinte, e planejar o enterro. Pretendia lidar com a morte da melhor forma possível, ser construtivo. Acreditava, inicialmente, que o compromisso, como valor, poderia ajuda-lo a transformar quase tudo em algo positivo. Após certo tempo, mu-

dou de foco.

“Antes da minha doença, eu achava que a rainha das virtudes era o compromisso. Depois do meu diagnóstico, passei a considerar a lucidez a rainha das virtudes. Comecei a sentir que a responsabilidade primordial de todos nós é manter o máximo de consciência possível sempre, principalmente na velhice, próximo ao final. Para começar, isso ajudaria os outros a entender melhor o fim, uma responsabilidade que temos uns com os outros e, sem dúvida, com a geração seguinte. Talvez venhamos a descobrir que morrer não é tão assustador. Definitivamente, essa seria uma notícia a divulgar. Talvez venhamos a descobrir que a morte é algo que



até vale a pena abraçar.” (p.83).

Passou a valorizar a tomada de consciência de tudo que lhe ocorria, ter controle sobre a distribuição da própria energia. Corinne ajudou-o na prática da meditação, na qual, mais tarde, veio a notar que a água ajudava-o em tal vivência, sendo para ele símbolo de transição – “Um rio que liga um lugar a outro. Parece simplista, sei disso, mas um rio nada é se não servir de ligação” (p.110) afirmando mais adiante que “pensava no rio, na água, como agente de ligação entre esta realidade e a próxima” (p.122). Para ele, era como se estivesse facilitando a transição, acreditando que com a prática mais frequente da meditação, sentiria mais conforto quando a hora chegasse.

Dedicou-se a resolver, ou, como dito anteriormente,

“desanuviar” seus relacionamentos pessoais. Sentia a necessidade para tal – como o fim de um trabalho – a conclusão desses contatos, “encerrar todos os relacionamentos importantes para mim” (p.92). Parou para pensar nos que lhe eram importantes e significativos, recordou dos momentos positivos que compartilharam, e disse-lhes explicitamente como se sentia, expressando reconhecimento e gratidão – criando, tais experiências, um elo mais estreito entre ele e o outro. Porém, havia um motivo principal: as despedidas davam-lhe equilíbrio em cada relacionamento, algo que acreditava não ter em seus últimos anos.

Formulou um diagrama contando com seis círculos, nos quais de fora para dentro – sentido em que realizara seus fechamentos – encontravam-se: pessoas com as quais compartilhara



experiências ou paixões; amigos do meio profissional; amigos de toda a vida; parentes próximos; filhas; e esposa. No mais externo haviam mil pessoas, sendo as despedidas realizadas por e-mail ou telefone, encerrando, ele, o quinto e sexto círculo em três semanas.

O’Kelly esforçou-se para fazer desses momentos de troca especiais, nos quais falava-se de coisas boas e particularmente significativas em cada relacionamento, vivenciar Momentos Perfeitos, e, para criá-los, bastava aceitar os acontecimentos cotidianos e estar aberto a experiências positivas – resultado: “saborear ao máximo o que a vida constantemente oferece” (p.130). Percebeu como se fosse esta a via que tanto procurava para a conscientização, para estar com a mente mais no presente. Diz sentir se tornando sensível

à própria vida, e “mais simples e mais tranquilo. Mais focado no presente.” (p.114).

A espontaneidade, entretanto, era uma das chaves para a ocorrência de Dias Perfeitos, isto é, dias repletos de Momentos Perfeitos. “Vivi um Dia perfeito [...] porque ele se desenrolou naturalmente” (p.123).

Com o passar do tempo, sua escrita vai se fragmentando e sua linha de raciocínio já não é tão linear como nos primeiros capítulos. “Fala, aparência e capacidade para desempenhar pequenas tarefas cotidianas cada vez mais se deterioravam” (p.129). Ele escolheu como seria seu próprio enterro, tanto o de Nova Iorque, onde morava, quanto o de São Francisco, cidade em que muitos amigos viviam. Seu corpo seria cremado.

Após seis semanas de radioterapia, viaja com Corinne e



Gina para o lago Tahoe. Ali recebe visitas de amigos, alguns que conheceu no hospital, e familiares. Em uma das noites no lago, O’Kelly sofre uma convulsão epiléptica, causada por uma embolia pulmonar, sendo internado no hospital, “e foi isso que assinalou o início da sua transição. Ele percebeu que não conseguiria realizar tudo aquilo que ainda fazia parte dos seus planos. Começou a aceitar as limitações do seu estado” (p.138) - escrevendo, a partir de então, Corinne, o capítulo que encerra o livro.

Ainda no hospital, O’Kelly inicia sua despedida com Marianne. Conversaram sobre coisas banais, e o relacionamento dele com sua mãe e seu pai.

Seu estado de saúde vai se deteriorando cada vez mais. Quando os médicos pediram para fazer mais exames, “não” foi sua resposta – “ele estava realmente

abandonando o plano dos vivos em troca de uma aceitação da proximidade da morte” (p.141). Afirmo achar que vai morrer, e, dois dias depois, vai pra casa. Lhe é providenciado um leito de hospital. Pára de pedir água – não quer ser medicado no fim –, aparentando certa melhora, provavelmente pela desidratação. Um médico do Serviço Domiciliar de Enfermagem de Nova Iorque, um serviço hospitalar, afirma que é comum que pacientes no mesmo estado que O’Kelly passem por uma “inquietação terminal”, estado agitado que exige medicação pesada para controle, porém, mesmo acreditando “compulsivo e obsessivo” o “desejar amarrar tudo” (p.143) de O’Kelly, o médico afirma efeito positivo, não só para ele próprio, como paciente, mas para todos à sua volta.

Numa das visitas que recebera, diz “Sinto apoio do ou-



tro lado” (p.144) e, mais tarde, para sua cunhada Darlene, “Por favor, diga a eles que não há dor na passagem deste lado para o outro” (p.145).

Recebeu mais visitas – irmãs, amigos e conhecidos prestaram seu adeus. Porém Corinne percebia que ele se preocupava com ela. “Perguntei se ele estava preparado para me deixar [...] lhe pedi para não se agarrar à vida e lhe assegurei que ficaria bem” (p.149), e, menos de três horas depois, no dia 10 de setembro, O’Kelly morre. Sofreu outra embolia pulmonar, considerado uma das formas mais rápidas e menos drásticas de morrer – o fornecimento de oxigênio ao cérebro é cortado, apagando mente e, em seguida, corpo.

“Na manhã seguinte, senti uma alegria e uma tranquilidade sublimes. A dor da perda se instalava mais tarde. Este era

um momento de júbilo. Gene partira em paz. Olhei através da janela para o rio e vi o sol refletindo na água. Um Momento Perfeito” (p.150). Para Corinne, toda essa experiência lhe conferira bagagem para prosseguir confiando na clareza e concentração. Para Marianne, o exemplo de O’Kelly demonstrou que sempre se pode esforçar-se mais para ser melhor, e, para Gina, seu exemplo foi de encorajamento e segurança.

Foi criado um fundo de caridade – Eugene O’Kelly Cancer Survivors’ Fund –, para ajudar financeiramente pacientes com câncer necessitados para tratamento. No endereço eletrônico do 7th Annual Financial Services Cares Gala (2012), da American Cancer Society Inc., em memória a O’Kelly, pode ser lido a seguinte dedicatória:

“A força e coragem com que ele encarou sua doença promo-





veu um legado que continuou a inspirar todos que ele tocou. Verdadeiro com seu caráter, Gene transformou a tragédia de sua própria doença em oportunidade para ajudar outros estabelecendo formas para promover assistência financeira e apoiar pacientes com câncer e suas famílias.” (American Cancer Society, Inc., 2012, tradução da autora).

## OTIMISMO TRÁGICO

Eugene mudou bastante através de toda experiência, porém, continuou sendo o homem que sempre foi, organizado e metódico, continuando, assim, sobre o controle de suas próprias emoções e escolhas. Paradoxalmente, soltou as rédeas e aceitou suas limitações quanto aos acon-

tecimentos fora de seu controle – afastando, assim, possíveis sentimentos de rebeldia, e reações de negação, raiva, barganha e depressão, que, segundo Kübler-Ross (2003) e Rodríguez (2010), são reações normais em pacientes no mesmo estado.

Sua atitude positiva e aceitação da situação foram ferramentas essenciais para alcançar as transformações desejadas.

A partir daqui, serão abordados a superação dos componentes da tríade no relato, pois, para quê serviriam na vida do homem os componentes negativos desta, se não como impulso para melhora do mesmo? Inevitável à existência humana sua superação, forma mais adequada de resposta, na realização de valores e atualização de potencialidades, sempre em direção a um sentido, sentido esse também como resposta, porém, à vida.



## DOR

Frankl (2011) afirma que a superação da dor é uma atitude frente a um destino determinado, como, no caso de Eugene, sua doença terminal e seu pouco tempo de vida restante. Já Lukas (1990) fala em superação da perda, perda de valores (criativos e/ou vivenciais), de que, em Eugene, foi privado, pela impossibilidade de trabalho, que tanto estimava.

Eugene já não era mais capaz de livrar-se da doença – era terminal e já não possuía tanto tempo de vida que pensara poder ter. Perdeu todo o futuro que criara, que perseguira e desejara para si e sua família. Todas as dimensões de sua vida – pessoal, familiar, profissional, social, laboral e espiritual – mudaram. A única coisa que lhe restou foi lidar com a doença e seu sofrimen-

to inerente. Não se deixou desanimar. Desafiou-se a transformar tal experiência numa dádiva para ele, sua família e amigos – por mais que pareça obsessivo para alguns, como para o médico do serviço hospitalar de apoio em sua visita domiciliar a Eugene, essa persistência foi sua forma de responder ao que a vida lhe pedia, de forma que não se deixasse levar por sua situação, mas manejá-la ele próprio, esforçando-se para extrair daí ensinamentos, e, conseqüentemente, fazer-se exemplo para outros.

Aceitou a doença e sua iminente morte, aumentando a capacidade, nele mesmo, de suportar o sofrimento e melhor traçar metas para a superação. E foi o que Eugene fez: distanciou-se do problema, e planeou objetivos práticos para um caminhar para a morte mais tranquilo, para ele e todos à sua volta.



“O distanciamento permite que a pessoa, com apoio nas estruturas de sentido, possa se colocar acima da situação. Quem consegue se manter de pé acima do sofrimento, simultaneamente já se está posicionando acima de seu sofrimento. [...] Quem consegue superar seu próprio sofrimento, ajuda aos outros através de sua simples existência, que parece um chamado para que os outros façam o mesmo” (LUKAS, p. 175, 1990).

A superação do sofrimento, ou da perda, se trata da “conservação e concretização da possibilidade positiva de vida” (LUKAS, p.176, 1990). Na situação em que se encontrava, Eugene lutou pela vida, não na maneira como comumente pacientes

terminais o tentam, negando sua morte, agarrando-se desesperadamente à falsa esperança de um milagre repentino que os livre do próprio falecimento. Ao contrário, aproveitou os momentos que ainda lhe restavam, afirmando a vida na aceitação da morte.

Não mostrou muito esforço na busca pelas melhores respostas às provocações – sua experiência no trabalho capacitou-o a ser flexível e adaptar-se rapidamente às mudanças. Logo percebeu o sentido do momento e as realizações de valores que poderia vivenciar, cumprindo o que sugere Lukas:

“A capacidade de uma pessoa para superar o sofrimento depende da intensidade de sua realização interna de sentido. [...] uma vida permeada de sofrimento não perde seu sentido. [...] Sentido na vida poder ser per-



cebido até pelo sofrimento” (LUKAS, p. 173,1990).

Seguindo pensamento semelhante, Kübler-Ross (2003) afirma que toda dificuldade seria uma oportunidade recebida com a possibilidade de realização de crescimento.

Eugene teve que reerguer-se sobre si mesmo, modificar-se para adaptar-se. Da experiência surgiu um novo Eugene, mais tolerante e tranquilo, que aceitava imprevistos da vida e limitações das pessoas, e de si mesmo, pois compreendia que o importante na vida não era ser perfeito, mas aceitar o que ela tinha para oferecer, possibilitando-se, então, viver momentos perfeitos.

## CULPA

Na culpa, também, o homem pode erguer-se sobre si mesmo, melhorar, como forma de recuperar, retroativamente, o mal que fez no passado – ou o arrependimento de comportamento não tão adequado como posteriormente acreditou poderia ter feito.

Eugene, em todo seu relato, não fala explicitamente em culpa, porém nota-se certo arrependimento por ter gasto tanto tempo dedicando-se ao seu trabalho, deixando sua família de lado muitas vezes – perdendo todas as apresentações escolares de Gina e almoçando duas vezes com Corinne, durante a semana, ao longo da última década em que trabalhara na empresa.

Lukas (1990) afirma que, na logoterapia, a culpa é vista como “uma possibilidade de mudança, como um apelo para que a pessoa se modifique, aban-



donando velhos hábitos e tomando novas e melhores decisões”. Eugene, para aproveitar mais plenamente seus últimos dias, optou por dedicar-se quase que exclusivamente a sua família e amigos, tornou-os foco principal de sua atenção. Em seus planos finais, dedicou-se no encerramento de seus relacionamentos com colegas e conhecidos, aproximando-se destes, e, posteriormente, com as pessoas mais próximas, amigos e familiares. Passou seus últimos dias ao lado dos mais queridos, esforçando-se por viver momentos agradáveis ao lado destes.

Essa maior proximidade com os seus, em seu relato, pode ser percebido mais como escolha do próprio Eugene, não apenas como imposição de seu estado – este, uma provocação para mudanças. De um empresário extremamente ocupado com as

exigências de seu trabalho, passou a ser um pai e marido mais presente.

Como a culpa é uma atitude frente a si mesmo quanto a algo feito no passado, irrevogável, Lukas (p. 180, 1990) fala de “pessimismo do irrevogável”, contrário ao “otimismo do passado”, abordado adiante, podendo, através de escolha por modificação, tornar-se um “ativismo do futuro” e consequente esforço por melhora de si mesmo.

## MORTE

A transitoriedade da vida, sua finitude, perecibilidade, pode tornar-se impulso para um fazer responsável, no sentido que o homem possui responsabilidade pelo que faz, por quem ama e por como sofre, pois “uma vez que tenha preenchido um sentido, ele o terá feito de uma



vez por todas” (FRANKL, p. 96, 2011). Neste ponto encontra-se o “otimismo do passado”, afirmando-se o passado como ser real do homem, realidade inseparavelmente ligada à sua vida. Tudo fica salvo no passado, o passado pertence absolutamente a quem o viveu, marca de sua vida, qualidade de sua existência, a identidade de seu ser único.

“Porventura não é essa transitoriedade algo que nos estimula e desafia a fazer o melhor uso possível de cada momento de nossas vidas?” (FRANKL, p. 172, 2008). Sentindo seu tempo se esvaindo, Eugene mostrou que sim, a perecibilidade da existência humana pode tornar-se motivo propulsor principal para buscar-se uma vida mais plena. Dedicou-se a resolver questões referentes à sua partida, como funeral e demais questões quanto ao falecimento, porém, e em

especial, reaprendeu a viver – esforçou-se bastante para estar presente e consciente em cada momento, para vivenciá-los da melhor forma possível ao lado de pessoas queridas.

Claro como o dia foi seu caminhar final, sua última empreitada, objetivando um morrer mais pleno, sua transição para o outro mundo, como ele tanto fala em seu relato. A certeza da morte fez com que ele mudasse a si mesmo, mudando, consequentemente, sua vida, afetando, também, as pessoas a sua volta – como Corinne e suas filhas, e incentivando a criação do Eugene O’Kelly Cancer Survivors’ Fund, fundo de caridade anteriormente citado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do relato indica que, mesmo sendo retirados



do homem sua saúde física, e ver aproximar sua própria morte, ele pode adotar uma atitude diferente a de desesperar-se e desistir. Todo o sofrimento, causado ele pela tríade trágica, pode ser percebido pelo homem como desafio imposto pela vida, uma provocação para que mude, aproveitando tal oportunidade de atualização de potencialidades, e esforçando-se a responder da melhor forma possível.

Mudando-se a si mesmo, pode-se transformar toda a tríade positivamente – o sofrimento em realização pessoal, a culpa em oportunidade para melhorar-se, e a morte, instrumento para realizações responsáveis. Se pode, então, falar de um otimismo trágico, por acreditar-se, na logoterapia, que qualquer aspecto negativo da existência humana pode tornar-se conquista, através da atitude do homo patiens. Po-

rém, na mesma linha, pode-se chamá-la de transcendente por serem, seus componentes, forças propulsoras para transcendência de si?

Vista de tal forma, a tríade otimista, ou otimismo trágico, vivenciado através de atitude positiva, na morte, é meio para vivenciar a existência como aproveita-se o final do dia na praia, observando-se o pôr-do-sol e sentindo seu calor na pele, mais brando, até que a noite caia.

## REFERÊNCIAS

O'KELLY, Eugene. Claro como o dia: como a certeza da morte mudou a minha vida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo, Sinodal; Petrópolis, Vozes,



2008.

FRANKL, Viktor E. A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo, Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012.

LUKAS, Elisabeth. Mentalização e saúde: a arte de viver e logoterapia. Petrópolis, Vozes, 1990.

BUENO, Francisco da Silva. Dicionário escolar da língua portuguesa. 7ª edição. AGGS, 1970.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. O túnel e a luz: reflexões essenciais sobre a vida e a morte. Verus Editora, Campinas, 2003.

Rodríguez, Juan de La Haba.

Cómo vencer el câncer: uma guia práctica, sustentada em casos reales, para entender La enfermedad, convivir com Ella y superarla. Almuzara, Espanha, 2010.

American Cancer Society, Inc. Eugene D. O'Kelly. 18.Jun.2012. Disponível em: <[http://main.acevents.org/site/TR/Gala/GalaFY10Eastern?sid=133929&-type=fr\\_informational&pg=informational&fr\\_id=34870](http://main.acevents.org/site/TR/Gala/GalaFY10Eastern?sid=133929&-type=fr_informational&pg=informational&fr_id=34870)>. Acesso em: nov.2012.

